

Representações da mulher negra na literatura brasileira

Maria Consuelo Cunha Campos -UERJ/PEN CLUBE DO BRASIL

A representação hegemônica da mulher negra na literatura brasileira, ao longo da história, resultou, como sabemos, de construções de escritores brancos: integrou uma tripartição de funções socialmente atribuídas a mulheres brancas, mulatas e negras, elaborada pelo imaginário masculino eurodescendente. Centrada nos interesses do projeto de hegemonia deste segmento, via patriarcalismo, não apenas nas relações entre os gêneros, mas também nas econômicas, de dependência da mulher ao homem, e políticas, de marginalização dela da esfera pública e, sobretudo, do poder.

Malgrado a incontestável existência de escritoras afrodescendentes, no Brasil, ao longo da história, como, por exemplo, no século XIX, a ficcionista Maria Firmina dos Reis e a poeta Auta de Souza, - a fabricação do olvido que incidiu sobre a memória das nossas escritoras até aquele século fez com que a representação não-hegemônica da mulher construída na obra destas escritoras ficasse de fora das histórias da nossa literatura.¹

¹ O resgate destas autoras e obras foi empreendido, no último quartel do século XX, de forma sistemática, por pesquisadoras do GT Mulher e Literatura, resultando em dois substantivos volumes.

Note-se, em passant, apenas, que a fabricação do olvido destes episódios de empoderamento da mulher brasileira, em geral, não se circunscreveu ao seu protagonismo de escritoras².

Em contrapartida, estereótipos literários como os da donzela casadura branca, da mulata sensual e ferosa, da negra abnegada, submissa, máquina de trabalhar, corresponderam, respectivamente, à procriação, à questão patrimonial, familiar e sucessória e à exploração da mão-de-obra, numa sociedade patriarcal, sexista e racista e na qual a literatura frequentemente reforçou os lugares sociais assinalados ao gênero feminino e às chamadas raças.

Publicado nos anos 80, o livro Raça e cor na literatura brasileira, de David Brookshaw, constitui bom exemplo deste gênero de estudo de estereótipos raciais, dividindo-se em duas partes, nas quais o autor focaliza, respectivamente, o escritor branco e o negro, em enfoque comparativista do tema (Brasil e Estados Unidos).

Cumprir lembrar, é claro, com o mesmo autor, que estereótipos de gênero, raça, etc, ocorrem nas mais diversas latitudes e temporalidades e, também, acrescentemos nós, que uma série de fatores de natureza histórica e sócio-política, que demandaria tempo e espaço superiores àqueles dos quais aqui dispomos, para serem devidamente analisados, já transformou, presentemente este quadro por aqui.

² A figura das regentes, isto é, das mulheres que, interinamente, foram chefes de estado durante o império (não as houve, até o presente momento, na república) também foi, historicamente, objeto deste mesmo processo. Tanto que, recentemente, ao assumir a presidência do STF (mas, ainda não, até aqui, o exercício interino da presidência da república, dentro da linha sucessória), a ministra Ellen Gracie Northfleet foi apontada pela mídia como uma precursora, vale dizer, potencialmente a primeira mulher na linha sucessória, a poder alcançar a presidência interina, sem qualquer menção às efetivas regentes imperiais, que, elas sim, estiveram à frente do poder, como a imperatriz Leopoldina e sua neta, a princesa Isabel

Uma vez que D. Maria I já era a rainha louca por ocasião da vinda da família real portuguesa para o Brasil, estando, portanto, a regência do império nas mãos do príncipe D. João, Leopoldina de Habsburgo foi, de fato, a primeira mulher que exerceu interinamente o poder no Brasil: no momento em que D. Pedro I, seu marido proclama a independência, às margens do Ipiranga, em São Paulo, é ela que está no Rio de Janeiro, então capital, à frente efetiva do império

A romântica escrava - praticamente branca- Isaura, de Bernardo Guimarães, em aberto contraste com as demais personagens cativas do romance, estas, sim, negras; a sensual mulata Rita Baiana , do Aluísio de Azevedo naturalista de O Cortiço, onde também encontramos a negra escrava Bertoleza , fugida de seu senhor,mas sempre trabalhando de sol a sol no estabelecimento com o companheiro branco: as donzelas casadouras alencarianas, todas eurodescendentes,são exemplos de representações de gênero e de relações raciais contemporâneas de uma política pública de branqueamento.

O final feliz de Isaura e das donzelas dos romances urbanos de Alencar, em aberto contraste com o suicídio de Bertoleza ,com a tragédia amorosa da índia Iracema, com o efeito destruidor de lar da sensualidade de Rita ilustra o papel atribuído ao consórcio amoroso inter-racial como fator de construção de uma população paulatinamente mais branca,ao influxo das teses racistas do conde de Gobineau.O romance brasileiro oitocentista, em grande, parte ocupou-se em fixar lugares sociais e raciais de mulheres - índias, brancas,pardas e negras - segundo um projeto de nacionalidade hierarquizante e desigual.

Neste pano de fundo histórico, a emergência de um novo e diverso protagonismo da personagem negra, no século XXI, naquilo que vem sendo denominado pós-modernismo, remete-nos a uma série de fatores, dos quais constituem apenas alguns exemplos,meramente ilustrativos, sem pretensão a esgotar o assunto, as décadas de atuação do movimento negro , desde os anos finais do ciclo autoritário, em suas múltiplas frentes , as publicações literárias de autoras negras, no Brasil e no exterior, a visibilização do negro, para além dos estereótipos, inclusive através da atuação de revistas como Raça Brasil e de livros como o de Joel Zito Araújo(A negação do Brasil. O negro na telenovela brasileira) .

Foi uma escritora negra, Carolina Maria de Jesus , com seu Quarto de despejo, best-seller nos chamados “anos dourados “ do desenvolvimentismo, quem iniciou, no Brasil, aquilo que viria a ser uma nova tradição narrativa , através do discurso da periferia, que tem, na atualidade, um bom representante em Cidade de Deus , de Paulo Lins.

Com seu livro de estréia , surgido antes da consagração do gênero testemunho pela Casa das Américas, o protagonismo desta mulher brasileira , negra,favelada,precariamente escolarizada,foi reconhecido internacionalmente.

Veja-se o livro Cinderela negra, de Robert Levine e José Carlos Sebe Bom Mehy, dando-nos conta de uma escritora brasileira mais estudada no exterior do que em seu país, como, de resto, também continua acontecendo com várias escritoras negras brasileiras contemporâneas.

Em diversos gêneros narrativos ,obras contemporâneas como A cor da ternura, de Geni Guimarães, Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, autora também de Becos da memória, encontram-se representações de mulheres negras construídas por escritoras afrodescendentes e fortemente diversas dos estereótipos do passado.

Nos anos 90 do século passado, surge a chamada metaficção historiográfica, que tem entre os exemplos de sua produção romances como O Selvagem da ópera, de Rubem Fonseca, biografia ficcional do compositor erudito Carlos Gomes e Ana em Veneza, de João Silvério Trevisan, que focaliza a trajetória de vida da brasileira (e mestiça) Julia Mann,mãe do escritor e prêmio Nobel de literatura Thomas Mann.

Este gênero de ficção reflete sobre o próprio fazer romanesco na contemporaneidade, a partir das relações da ficção com a história, utilizando personagens extraídos desta.

Em seu, por ora, mais recente livro, premiado em sua categoria com o Jabuti de 2007, Luiz Costa Lima retoma a análise, iniciada em obras anteriores, como Sociedade e discurso ficcional das relações entre elas.

Observe-se, nos exemplos de romance aqui citados, tratar-se de obras de escritores, cujas personagens, masculina e feminina,entretanto não saem nem da base da pirâmide social, nem do extrato negro da população.

Este conjunto de características contrasta com as do romance Um defeito de cor, segundo livro publicado por Ana Maria Gonçalves, que tem como protagonista Luísa Mahin,

escrava forra que, no século XIX ,tem seu nome ligado à revolta dos malês e a Luís Gama, causídico abolicionista , poeta e seu filho.

Dele, Luís Gama, será o poema “ A Cativa “, das Trovas burlescas de Getulino, no qual exalta as “madeixas crespas, negras “ como ícone de beleza feminina negra , ele que a si próprio também denominara “ um retumbante Orfeu de carapinha “

Natural de Ibiá, Minas Gerais, Ana Maria Gonçalves, nossa jovem escritora ,tem hoje 37 anos.Nascida em 1970, apenas cinco anos antes do Ano Internacional da Mulher e em plenos anos de chumbo da ditadura militar, Ana Maria Gonçalves saiu da adolescência ,portanto, justamente quando o Brasil entrava no projeto neoliberal do estado mínimo, restaurada a democracia, as eleições diretas , a volta dos civis à presidência da república após 26 anos de presidentes militares alçados indiretamente ao poder.

Convenhamos não ser muito comum a publicação não só de um romance de 952 páginas mas também por parte de autoras com semelhante perfil jovem . Mais do que ,meramente, esta extensão da obra , a escolha da protagonista e , conseqüentemente, do tema - a vida, com seu quê de histórico e de ficcional, bastante singular de uma mulher africana, no início do século XIX brasileiro, transitando entre continentes e militando- é o diferencial do romance, no contexto da nossa ficção contemporânea.

O título do romance de Ana Maria Gonçalves, Um defeito de cor , remete-nos, historicamente, à exigência a pretendentes a cargos públicos de pedirem dispensa da proibição que os vedava a pessoas não brancas, em função mesma de sua cor de pele.

A Kehinde / Luísa que salta das páginas do livro é uma mulher negra contemporânea da escravidão, porém com inúmeros traços biográficos de contemporaneidade, dois séculos depois.

Nascida na África, capturada ainda criança no Daomé (atual Benin), a futura líder negra é trazida como escrava ao Brasil.Diaspórica, da Bahia ela vai ao Maranhão, Santos , São Paulo, Rio, volta à África, tenta voltar ao Brasil novamente, num percurso de oito décadas de vida .

Desenraizada de sua família matrilinear – perde a avó, a mãe, a irmã gêmea – Kehinde preserva secretamente sua cultura, o que se manifesta, inclusive, no vínculo identitário que ela mantém com seu nome africano e sua crença nos orixás. Convivendo, no Brasil, com um universo multicultural e multi-religioso, mas fortemente hierarquizado, ela convive com o catolicismo oficial dos senhores, de um lado, mas também com o islamismo dos escravos e forros muçulmanos negros, os malês, alfabetizados, leitores do Corão, sem esquecer a manutenção do contato com sua própria tradição religiosa politeísta, na qual introduz também o filho, assegurando a permanência das raízes africanas no menino, filho de pai branco.

De particular interesse para os estudos literários de gênero é a tematização, no romance, das relações entre senhoras e escravas, marcadas pela violência inaudita das primeiras em relação a estas. A subalternidade do feminino face ao masculino desdobra-se então na violência da mulher branca contra a mulher negra, vista pela primeira como sua concorrente, rival, em relação ao homem, branco ou negro. Traída pelo marido, a senhora vinga, no corpo da escrava violentada e que não tem a opção da recusa sexual ao senhor, a humilhação sofrida. Olhos de mulheres arrancados, órgãos genitais masculinos castrados são consequência de ciúmes sentidos por quem se atribui, senhorialmente, o status de dono do corpo negro.

A figura da quitandeira, vendedeira ou ganhadeira – tão presente na iconografia colonial – encontra em Kehinde / Luísa tematizada no romance de Ana Maria Gonçalves o traço da empreendedora que, além da liberdade busca também prover-se, ajudar a alforria de outros. Uma bem entramada rede associativa negra, emerge também das páginas do romance, contrapondo-se ao projeto escravista e de etnocídio pela provisão de alforrias e pela resistência à dominação cultural.

Obviamente, muito ainda fica por dizer sobre o caudaloso romance, porém é tempo de concluirmos nossa fala. O protagonismo de Kehinde / Luísa assinala, em Um defeito de cor, o contraponto contemporâneo às representações masculinas e brancas de mulheres negras.

Se, por exemplo, compararmos a tematização da maternidade negra , em “ Mãe”, peça do teatro alencariano e em Um defeito de cor , podemos falar de verso e reverso. Alencar ali delinea o estereótipo da mãe negra que, introjetando a baixa auto-estima, se auto-elimina para não “envergonhar “ o filho mestiço que, até então, ignora a efetiva filiação e se prepara para casar com mulher do meio social equivalente ao paterno, numa trajetória de branqueamento preconizada naquele tempo. Ana Maria narra o reverso deste branqueamento, nos filhos mestiços personagens de seu romance. Exemplar, a propósito, é o relato dos meandros da luta entre as duas heranças étnicas do Banjokô, primogênito de Kehinde /Luísa e disputado a ela pela esposa branca do falecido pai do menino.

A travessia de suas quase mil páginas pode desanimar, à primeira vista, sobretudo nestes tempos velozes das redes, mas, asseguro-lhes, compensa. Amplamente.

Bibliografia

Azevedo, Elciene. Orfeu de carapinha .A trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo. Campinas, Editora da Unicamp, 1999.

BROOKSHAW, David. Raça e cor na literatura brasileira. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

CAMPOS, Maria Conseulo Cunha. Penas & papéis. Estudos afro-brasileiros. Rio de Janeiro, Armazém digital ,2006.

Evaristo, Conceição. Ponciá Vicêncio. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2003.

Evaristo, Conceição. Becos da memória . Belo Horizonte, Mazza Edições, 2006.

Gonçalves, Ana Maria. Um defeito de cor. Rio de Janeiro, Record, 2006.

Guimarães, Geni. A cor da ternura. São Paulo FTD, 1989.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. Escritoras negras contemporâneas. Estudo de narrativas Estados Unidos e Brasil . Rio de Janeiro, Editora Caetés, 2004.

Schuma Schumacher e Brazil, Érico Vital. Mulheres negras do Brasil. Rio de Janeiro, Senac Nacional, 2007.

